

Nova humanidade?

Participei recentemente de discussão, em Avignon, que tinha por tema a nova distribuição da humanidade sobre a face da Terra. A base da discussão era artigo publicado em "Recherche", edição de setembro. A tese do artigo é que estamos assistindo a reformulação radical e inaudita da relação entre as populações dos vários continentes. Dois aspectos distinguem tal tese das futurasções que tratam da "explosão demográfica" aos quais estamos acostumados: (1) não se fala em números absolutos, mas em relativos, e (2) não se trata de previsão, mas de constatação de situação atual. É verdade que os algarismos mencionados se referem em parte ao ano 2000, mas tais algarismos se baseiam sobre as meninas já vivas que serão mães naquele ano fatídico, e salientam, não o peso da população sobre a Terra, mas a relação fatalmente existente entre os diversos países do mundo daqui a vinte anos.

Eis a lista dos dez estados mais populosos no ano 2000, (não por projeção estatística, mas em base da população da idade de menos de 5 anos já viva, e que terá 25 anos na data da estatística que se segue): 1. Índia, 2. China, 3. Brasil, 4. Indonésia, 5. Nigéria, 6. URSS, 7. Bangladesh, 8. Paquistão, 9. México e 10. EEUU. (Um dado para salientar a tendência já irrevogável que começa a manifestar-se: o Nepal terá população comparável com a da França e da Alemanha.) A lista dos dez países contém várias surpresas. Por exemplo: o "perigo amarelo" é mito, já que os três países do subcontinente indiano ultrapassarão de longe a população da China. Ou: a União Soviética, a qual terá população menor que a da Nigéria, ultrapassará no entanto de muito longe a dos Estados Unidos. Mas o que importa para quem quizer vislumbrar a distribuição da humanidade na próxima geração é a marginalização da Europa.

Por certo: ninguém poderá compreender os acontecimentos políticos, sociais e econômicos da atualidade, se não tomar em consideração estes dados. Embora talvez os responsáveis pelos acontecimentos não os tenham sempre em mente, (e muito menos os jornalistas que os relatam), a pressão exercida pela realidade, (pelas meninas de menos de 5 anos que serão as mães da geração vindoura), modela desde já as decisões e os atos. Mas não eram tais aspectos políticos, sociais e econômicos da redistribuição da humanidade ora em curso que eram o tema da discussão acima referida. Falou-se do impacto que tal reviravolta terá fatalmente sobre a cena cultural da humanidade: a dita "sociedade ocidental", (grosso modo a Europa e os Estados Unidos), a qual perfazia pelo menos um terço da humanidade durante os últimos 2000 anos, terá, no ano 2000, menos que 10% da população da Terra.

Repugna dar o salto de quantidade em qualidade, sobretudo quando se trata de gente. Toda afirmativa do tipo: "duas pessoas valem mais que uma" ofende a unicidade e a insubstituibilidade, portanto a dignidade humana. Tal atitude quantificante da qualidade humana ainda é

suportável no campo da economia: "um californiano produz na média 100 vezes mais que um tchadiano". (Embora também em tais casos há uma voz no nosso íntimo, a voz da consciência?, que protesta contra a impertinência de tal afirmativa). Mas quando se trata de cultura, portanto de valores, toda consideração estatística é francamente detestável. Querer julgar a importância da cultura ocidental, (ou da esquimo, ou da mesolítica), pelo número dos seus participantes é como querer votar democraticamente a questão se Deus existe. No entanto há ambivalência em tal recusa de quantificar qualidades. Parece atitude elitária: nega o princípio da maioria. E não há como escapar ao fato que o número conta quando se trata de julgar valores: embora não se possa afirmar que a messianidade de Cristo depende de consenso, deve se admitir que seu reconhecimento por centenas de milhões de pessoas o distingue de messiases do tipo Padre Cicero, e se a humanidade toda tivesse abraçado o cristianismo, isto teria sido argumento em prol da "verdade do seu ensinamento". De modo que o fato que apenas uma pessoa entre dez pertencerá a cultura ocidental no ano 2000, (mesmo se incluirmos entre tais pessoas também a burguesia latino-americana), será indubitavelmente importante.

A questão que se põe é esta: se, no ano 2000, a Europa e os Estados Unidos, (e, em consequência, também a burguesia latino-americana), terão papel reduzido no conjunto da humanidade, se a enorme maioria dos homens e das mulheres, (e os quais já vivem), pertencerão a culturas não-ocidentais, quais os valores que orientarão a humanidade? A questão tem várias facetas. Pode-se por exemplo analisar quais ~~os~~ "valores ocidentais" serão absorvidos pela humanidade não-branca antes que a Europa se ja submersa e a America marginalizada. A resposta dependerá, em grande parte, da progressiva "americanização", isto é: technicalização da humanidade. Ou pode se perguntar quais valores alternativos estão ao dispor da humanidade: os hindus, os islâmicos, os budistas, os africanos? E quais as tendências atualmente observáveis no sentido de emergência de tais valores: o pan-islamismo, a negritude, os vários gurus? Outro tipo de pergunta é se as ideologias atualmente em vigor, (e quase todas são de inspiração ocidental), serão adaptadas à nova distribuição da humanidade, ou se serão abandonadas. A absorção do marxismo pelo Islam, e a dificuldade da absorção do confucionismo pelo marxismo na China, são dois exemplos de tal tipo de pergunta.

Mas o que interessa, em tais perguntas e outras, é a circunstância incrível que não se trata de preocupações abstratas, ou de impacto longínquo. São perguntas de impacto imediato sobre as nossas vidas, e sobre as vidas dos nossos filhos. Isto é estritamente incrível. Já que se trata de perguntas fundamentais, que dizem respeito à nossa maneira mesma de estarmos no mundo, somos inclinados a crer que jamais teremos concretamente a enfrentá-las. Mas não: somos chamados a tomar atitudes imediatas com re-

lação a problemas que há pouco tempo ainda nos eram inteiramente estranhos: por exemplo em relação à posição da mulher no Islam, ou da posição do negro americano face à cultura e sociedade africanas. Tais problemas são doravante e concretamente nossos, porque afetam a nossa vida cotidiana, e o fazem, porque, desde já, a cultura ocidental deixa de ser dominante, dada a redistribuição da humanidade.

Claro é: comparadas com a radicalidade de um tal questionamento, as questões que nos preocupam diariamente, e as quais dizem respeito, todas, a uma situação em vias de modificação fundamental, perdem em interesse. A discussão à qual se refere o presente artigo se deu em França, mas é fácil transpôr seu tema para o contexto brasileiro. Por exemplo: que importância tem a discussão das estruturas ditas "políticas", (e as quais têm modelos ocidentais), se considerarmos que dentro de poucos anos a sociedade brasileira, a terceira em população no mundo, terá que enfrentar a Africa, a India e a China, e terá que resolver o problema da origem africana de grande parte dos seus participantes?

O proposito do presente artigo não pode ser, obviamente, o de levantar tal tipo de questionamento. 'E simplesmente tentativa de informar o leitor a respeito de uma preocupação que começa a absorver o interesse na Europa, e começa a fazê-lo muito tardiamente. Não no sentido de provocar decisões ou atos por parte dos leitores: a tendência da qual este artigo trata é estritamente irrevogável, e a redistribuição da humanidade já é fato. Nem no sentido de provocar juizos de valor com respeito ao relatado: a estas alturas a decadência do ocidente não pode causar nem lagrimas nem regosijos. Mas no sentido de contribuir para que nos tornemos concientes da realidade cultural dentro da qual somos chamados a viver, quer queiramos quer não o queiramos.